Ano XII ••• Nº 364 ••• Uberaba/MG ••• Dezembro de 2010

Revelação

Jornal-laboratório do curso de Comunicação Social da Universidade de Uberaba

Maria Aparecida

No silêncio da velhice, a pianista busca o tom da vida

Miniaturas no jardim
Comerciante retrata monumentos brasileiros
05

CAMU
Festival de Animê e Mangá revela personagens
11

Oficina de brinquedos
Trabalho voluntário faz a alegria de crianças
16

issuu-downloader.com

Um dia de cão

Aírton de Souza
4º período de Jornalismo

Começo de maneira intencional este breve texto, pois sei que todos lerão o título de maneira figurada, o que é comum hoje em dia. Mas, espero surpreendê-los, pois foi o que me causou aquele cão: surpresa. Não era um cão de porte nobre, desses que a gente tem dificuldade em pronunciar o nome das suas raças: bichon frisé, border collie, shitzu e outros nomes ainda mais pomposos. Era um simples vira-lata, sem coleira cravejada de pedras reluzentes, sem um dono a acompanhá-lo. Naquela noite de verão, eu tomava uma cerveja na praça e devorava alguns espetinhos, desses que nos conquistam mais pela fumaça e cheiros que se misturam do que propriamente pela qualidade da carne com que são preparados. Aliás, às vezes, nem é bom saber a procedência do que comemos tão despudoradamente, lambendo os beiços. Teríamos surpresas indesejadas. Mas, voltemos ao cão. Ele se aproximou e se postou a uma distância de onde me observava, com seus olhos atentos. E como não resisto a um par de olhos interrogativos como aqueles, pois me vejo sempre partindo frutos e colocando nos galhos das árvores para que os pássaros venham comer, não resisti por muito tempo e atirei um espetinho, quase completo, em direção ao meu recente amigo. Ao dividir a comida, tornamo-nos íntimos, compadecemo-nos com os outros, mesmo que por fugazes momentos. O cão veio em direção ao que lhe atirei e, com o coração extasiado, esperei que ele devorasse rapidamente a iguaria que lhe fora servida. Mas, não! Contrariando ao que sempre imaginei como lógico, ele não devorou o que lhe ofereci; ao contrário, com delicadeza canina, que, às vezes, supera a humana, colocou entre os dentes a refeição e saiu. Não pude tirar os olhos dele e o segui com uma interrogação. Minha resposta veio em seguida: a poucos metros dali, um outro cão, com a pata machucada, conforme pude perceber a seguir, foi o contemplado com o alimento, que o amigo cão depositou diante de seu focinho. Valho-me de sentimentos ditos humanos para descrever a cena, pois me faltam outros mais precisos.

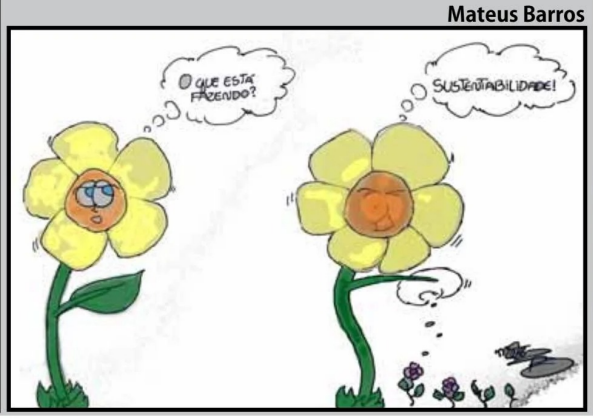
> "Valho-me de sentimentos ditos humanos para descrever a cena, pois me faltam outros mais precisos.

Provavelmente os que temos são insuficientes para a cena que se desenrolou diante de mim. Um dia de cão, sim, senhores, mas impregnado de lágrimas por mim derramadas e pela convicção de que quando perdemos a esperança nas pessoas ainda restam exemplos a serem imitados, mesmo que nós, animais emplumados, soberbos em nossas duas pernas, busquemos a inspiração em quem se encontra abaixo, balançando um rabo em sinal de agradecimento, abaixando a cabeça e entregando o próprio alimento a quem tem mais necessidade, ao menos na sua ótica singular.

Charges

Fabina Cunha

Mateus Barros



Thiago Paião

Revelação • Jornal-laboratório do curso de Comunicação Social da Universidade de Uberaba

Expediente. Revelação: Jornal-laboratório do curso de Comunicação Social da Universidade de Uberaba (Uniube) ••• **Reitor:** Marcelo Palmério ••• **Pró-reitora de Ensino Superior:** Inara Barbosa ••• **Coordenador do curso de Comunicação Social:** André Azevedo da Fonseca (MG 9912 JP) ••• **Professora orientadora:** Indiara Ferreira (MG 6308 JP) ••• **Projeto gráfico:** Diogo Lapaiva (7º período/Jornalismo), Jr. Rodran (4º período/Publicidade e Propaganda), Bruno Nakamura (7º Período/Publicidade e Propaganda) ••• **Estagiário:** Grasiano Souza (6º período/Jornalismo) ••• **Colaboração:** Thiago Ferreira (6º período/Jornalismo) ••• **Equipe:** Júlia Magalhães (4º período/Jornalismo)••• **Revisão:** Márcia Beatriz da Silva ••• **Impressão:** Gráfica Jornal da Manhã ••• **Redação:** Universidade de Uberaba – Curso de Comunicação Social – Sala L 18 – Av. Nenê Sabino, 1801 – Uberaba/MG ••• **Telefone:** (34) 3319 8953 ••• **E-mail:** revela@uniube.br

issuu-downloader.com

Moradores limpam praças

Uberabenses reclamam da falta de manutenção com patrimônio público

Ilídio Luciano
5º período de Jornalismo

Fotos: Ilídio Luciano

Água da fonte da praça Rui Barbosa está poluída

Moradores das imediações de algumas praças da cidade reclamam da falta de limpeza e manutenção das mesmas. Muitos dizem que, não raro, a própria população se responsabiliza pela limpeza dos logradouros públicos.

O taxista José Roberto Viana, de 50 anos, há cinco trabalha no ponto da praça Rui Barbosa, considerada um dos cartões postais da cidade.

Segundo ele, a conservação por parte da Prefeitura Municipal é inexistente. "São plantas morrendo, árvores morrendo e ninguém faz nada, ninguém nem poda as árvores", lamenta o taxista.

Já na praça Magalhães Pinto, conhecida como Praça do Quartel, um policial aposentado que mora próximo há mais de 30 anos e não quis se identificar, afirma que a limpeza deixa a desejar. "Eu não lembro da última vez que vi um varredor ou capinador aqui na Praça do Quartel. Eles gastaram dinheiro e arrumaram em torno da praça, mas esqueceram de cuidar da limpeza. Olha que é uma praça importante da cidade, hein", desabafa o policial.

No Jardim Espírito Santo, a praça Vitória também apresenta estado de abandono. A moradora do entorno da praça, Jéssica Cristina Gonçalves, de 18 anos, diz que as crianças e as famílias já não fazem uso da praça como na época da inauguração. "A prefeitura deveria colocar mais brinquedos para as crianças, arrumar as cestas de basquete, os bancos. A limpeza é feita mais pelas pessoas que moram aqui do que o pessoal da prefeitura", reclama a dona de casa.

O responsável pela limpeza e conservação das praças públicas, João Ricardo Pessoa Vicente, diz que há um cronograma a ser cumprido pelas sete equipes de limpeza e conservação das 140 praças da cidade. Ele cita que em alguns bairros, como Estados Unidos e Guanabara, já foram realizados serviços de capina, poda das árvores e limpeza e que, na região central, o trabalho será desenvolvido posteriormente.

Ao ser questionado sobre as praças mais afastadas do centro da cidade, ele destacou a importância do cumprimento do cronograma. "De 15 em 15 dias, realizamos a limpeza e manutenção nas praças da cidade. Depois disso, há uma revisão onde o trabalho foi feito."

João Ricardo explica que o telefone do Disque Cidadão está disponível para a comunidade que não está de acordo com a limpeza. O número é (34) 3318-0800.

O coreto apresenta sinais de descaso

issuu-downloader.com

Concha Acústica está em silêncio

A árvore da gameleira foi cortada para a construção da Conha a Acústica, em 1970

A reinauguração aconteceu em 2 de abril de 1971

Fotos: Arquivo Público e Carlos Júnior

Thiago Paião
4º período de Jornalismo

A praça Afonso Pena foi construída em 1889 e teve diversos nomes em sua história, como Dr. Crispiniano Tavares, praça da República, praça Rui Barbosa e, por fim, o seu nome popularmente mais conhecido: Praça Concha Acústica.

No passado, o espaço era lembrado como como praça da Gameleira, pois ao centro estava a árvore centenária. Em 1970, a árvore foi arrancada para dar lugar a um palco e a bancos de alvenaria. A forma de concha surgia para que as apresentações musicais de artistas locais fossem favorecidas em função da boa acústica.

Durante anos foi assim. A Concha Acústica era uma vitrine da arte uberabense. A arte em grafite que hoje contorna o monumento é uma dessas referências, mas atualmente a situação é outra.

Apesar dos pedidos de aprovação de alvarás para apresentações e manifestações artísticas, a praça tornou-se um campo de desconfianças para a sociedade.

A professora de dança do Centro de Cultura José Maria Barra, Roberta Roldão, conta que não é fácil conseguir um alvará para manifestações culturais na praça e que, por isso, alguns artistas se aventuram em apresentações ao ar livre mesmo sem o documento. "Na verdade, não criarmos nenhum projeto. Chegamos e ocupamos o espaço que estava ocioso. Levei meus alunos para a praça e realizamos nossas oficinas. O único risco que corremos foi alguém chegar e dizer que não podíamos ficar lá", revela Roberta.

A professora questiona a burocracia. "O espaço da praça Concha Acústica

> "A praça Afonso Pena está abandonada e não há quem olhe para ela com bons olhos

ficou como a da Universidade, parado, sem nenhuma utilidade pública. Às vezes, são utilizados para fins indevidos, como motel e lugar para usar drogas", salienta ela.

O integrante da Fundação Cultural, Mateus Barros, afirma que não existem projetos específicos elaborados para a Concha Acústica no momento, apesar do desejo demonstrado por artistas da cidade. "A Fundação não fornece alvará para apresentações na Concha Acústica e nem em qualquer outro lugar. Isso deve ser tratado diretamente com a prefeitura. A Fundação é apenas uma apoiadora de projetos", diz Mateus.

O pedagogo, dançarino e professor de circo Mayron Rosa Santos fala da praça como um local esquecido. "A praça Afonso Pena está abandonada e não há quem olhe para ela com bons olhos, já que tudo que agora existe nela remete à criminalidade", afirma Mayron.

Maria Cristina de Souza mora proximo à praça e conta que nunca se importou com o barulho que vinha dos *shows* e apresentações culturais realizadas no passado. Para ela, o silêncio é sinal de falta de cuidados e perigo para os moradores. "A praça ficou um local perigoso demais para se frequentar. Lá, virou um albergue clandestino para os mendigos e usuários de drogas", diz Maria Cristina.

Conforme a assessoria de Comunicação da Prefeitura de Uberaba, o espaço físico será revitalizado no primeiro semestre de 2011. O projeto prevê recuperação dos bancos, pintura, paisagismo e reestruturação do sistema elétrico que foi roubado.

A assessoria frisa que a Fundação Cultural está disposta a implementar o Projeto de Aproveitamento Cultural dos Espaços Públicos e apoiar as melhores ideias. Outra proposta é viabilizar o Cine Clube da Lua, assim que houver condições físicas no local. A apresentação de filmes numa tela a céu aberto já acontece em vários bairros da cidade.

issuu-downloader.com

Homenagens em um jardim mineiro

A construção diferente é uma ideia para homenagear lugares brasileiros

Fabiana Cunha
4º período de Jornalismo

O estádio do Morumbi, o rio São Francisco, o Triângulo Mineiro e a caatinga nordestina estão reunidas em um único jardim. As construções em miniaturas foram ideia de Kermit Benedito da Silva, de 68 anos, dono de uma pequena mercearia no bairro Alfredo Freire II. Nascido em Bananeiras, na Paraíba, o morador de Uberaba tem orgulho da própria obra.

Ao entrar pelo portão da casa, em reforma, o que se vê primeiro é a mureta em forma geométrica, uma alusão ao Triângulo Mineiro. "Apesar de conhecer só Uberaba, acho muito importante representar um lugar que me acolheu assim que cheguei", diz Kermit, que mora na cidade há dez anos.

O centro dessa construção abrigará o busto de Chico Xavier. "É minha homenagem a esse homem que foi muito bondoso, principalmente com os pobres."

Outra parte da obra é uma escadaria de tijolos que, de acordo com o comerciante, é dedicada à trajetória do presidente Luis Inácio Lula da Silva. "O Lula, nordestino como eu, que saiu do zero e hoje está onde está. Não que eu queira ser ele, mas essa escada é para acreditar que a gente nunca pode esmorecer. Que é preciso seguir sempre em frente."

Outra parte do jardim é destinada ao rio São Francisco, desde a sua nascente mineira na serra da Canastra, até o lago da usina de Paulo Afonso. Kermit diz que é um agradecimento a Minas pela importância do rio para o povo do Nordeste. "É desse rio que o nordestino vive, come e bebe. E é a minha forma de agradecer essa bênção".

No centro do jardim, foi construído outro pedestal de tijolos para homenagear quem, de acordo com Benedito, é o homem que proporcionou uma melhoria significativa no país – Juscelino Kubitschek. "Acredito que hoje nós somos essa potência, por causa do progresso que Juscelino nos trouxe."

Em outro lado do jardim, o construtor demonstra sua paixão pelo futebol, com a miniatura do estádio do Morumbi - com direito a traves de gol, gramado e estacionamento.

Benedito diz que quando projetou o jardim, muitas pessoas foram contra. "Falaram que eu ia gastar dinheiro à toa e que era mais fácil fazer um jardim comum, mas eu não desisti e agora estou quase acabando a construção", afirma.

Foto: Fabiana Cunha

O próprio Kermit constrói os monumentos na porta de casa

> "A gente nunca pode esmorecer. É preciso seguir sempre em frente

Luzinete, mulher de Kermit, diz que, no início, achava que ele estava meio *pirado*, mas que hoje gosta do resultado. "No começo, perguntei o que ele iria inventar dessa vez, mas hoje eu gosto do que ele está fazendo, principalmente do estádio. Vai ficar lindo quando ele colocar os jogadores e terminar de pintá-lo."

Kermit contratou um pedreiro para ajudá-lo na obra. "Ele fez a cobertura porque eu não sabia como terminar."

Os pequenos moradores do bairro se encantam com a obra. Darlon, de seis anos, adorou o estádio. "Ficou igualzinho ao de verdade", brinca o garoto.

Já Bruno, de sete anos, adorou o lago da usina. "Quero ver quando estiver pronto, com os peixes lá dentro."

Até os mais experientes se surpreendem. Valdinei, de 35 anos, que ajuda Kermit na mercearia, viu o jardim pela primeira vez e ficou admirado. "A ideia foi muito boa. Acho que não teria a mesma criatividade dele."

Apesar do incentivo, o comerciante não continuará a investir no jardim porque vai mudar de casa. "Infelizmente, não posso morar aqui. Tenho que ficar perto da mercearia. Acordo todo dia às três da manhã para fazer pão de queijo e não poderia deixar o estabelecimento sozinho por causa dos assaltos."

Com medo de ver o sonho ruir, ele diz que gostaria que os futuros moradores não destruíssem o jardim que ele está fazendo com esforço para homenagear o que julga mais importante na vida.

issuu-downloader.com

Aeroporto completa 75 anos

Carlos César Amaral
4 º periodo de Jornalismo

O dia 23 de maio de 1935 poderia ser comum, mas não para Uberaba. A data foi marcada pela inauguração do aeroporto Santos Dumont.

Os primeiros aviões a pousar foram dois bimotores Monospar ST-4 da Vasp, que possuíam quatro lugares e vieram do Campo de Marte, em São Paulo. As aeronaves faziam a rota São Paulo/Uberaba três vezes por semana.

Segundo a administração do aeroporto, o terminal de passageiros foi inaugurado na década de 50. No entanto, foi em 1958, que o prefeito Arthur de Mello Teixeira fez a doação do campo de aviação para o Ministério da Aeronáutica.

Em 1980, um decreto transferiu a administração para a Infraero (Empresa Brasileira de Infraestrutura Aeroportuária) e modificou o nome para aeroporto Mario de Almeida Franco. Foi o fazendeiro quem disponibilizou terras da Fazenda São Geraldo para a construção do campo de aviação para pousos e decolagens.

Ao assumir o controle administrativo do aeroporto, a Infraero modernizou todo sistema operacional, administrativo e de segurança. Além da instalação de sistemas de navegação aérea, implantação da torre de controle, sistemas de balizamento noturno, em 2008, houve a reforma e ampliação do terminal de passageiros, aumentando a capacidade operacional de 100 mil para 200 mil passageiros ano.

"Acho todo investimento em infraestrutura importante, no entanto, Uberaba precisa de mais atenção, de incentivo para se tornar polo", diz o servidor público Kedson Palhares Gonçalves.

Para o gerente de operações Lélio Marcos Baldo, o aeroporto deve ser visto com bons olhos, uma vez que é considerado classe A pela Infraero, ou seja, é considerado um dos melhores do Brasil. "O nosso aeroporto pode trabalhar com aeronaves de padrão muito bom como a A-320, que é uma das aeronaves mais usadas por todo o Brasil", diz Baldo.

O superintendente do aeroporto, João Itacir Gottfried Freitas, explica que apesar da estrutura, o aeroporto hoje não gera lucro. "A manutenção é cara, ainda mais após a reforma de julho. No entanto, o aeroporto ainda se mantém nos investimentos da empresa Infraero."

Atualmente, são 13 voos diários e para 2011 a empresa garante que terá novidades para Uberaba, com a finalidade de aumentar o movimento no local.

Quem foi Mario Franco

Mario de Almeida Franco nasceu em Ribeirão Preto, interior de São Paulo, em 1890. Mudou-se para Uberaba em 1910 para se dedicar à agropecuária.

Foi um dos primeiros proprietários de aviões da cidade.

Todos os seus aviões eram guardados em sua fazenda, onde havia um hangar e uma pista de pouso.

No estado de Góias, ele conseguiu comprar um avião que pertenceu a o político italiano Benito Mussolini.

Franco se inscreveu como piloto em 1938 e contribuiu significativamente com a aviação em Uberaba.

Em 10 de setembro de 2010, ele ganhou um busto em sua homenagem no aeroporto que leva seu nome.

Franco faleceu em 9 de julho de 1974, deixando sua esposa Olésia Adriano de Almeida Franco e cinco filhos: Aparecida Helena, Dulce Helena, Luiz Carlos, Mário Fernando e Mário Júnior.

Foto: Carlos César Amaral

issuu-downloader.com

Bossa quase nova

Jovens músicos resgatam estilo musical da década de 50 e mostram atitude no palco

Aírton de Souza
4º período de Jornalismo

"Se você disser que eu desafino, amor/Saiba que isso em mim provoca imensa dor." Na voz suave de Tom Jobim, esses versos são exemplo do que há de mais significativo num movimento musical que marcou época e nunca saiu de cena: a Bossa Nova.

Era o momento dos grandes cantores, com suas vozes possantes, invariavelmente líricas, porém, João Gilberto, com seu violão e sua voz, mostrou ao mundo um novo jeito de cantar. Grandes cantores e músicos, como Sarah Vaughan, Stan Getz, Frank Sinatra, dentre tantos outros, logo passaram a gravar as músicas aqui produzidas. *Garota de Ipanema*, de Tom Jobim e Vinícius de Moraes tornou-se um clássico, ouvido nos quatro cantos do planeta, com quase 170 gravações.

Esse movimento, que teve início na década de 50, ainda hoje é cultuado por músicos das mais variadas origens e formações. Faz parte da cultura jazzística, talvez a única que se permite absorver todos os gêneros e dar-lhes nova roupagem. No caso da Bossa Nova, não há o que mudar, dizem os especialistas. É um estilo que por si só se sustenta. E isso fica bem claro em vozes privilegiadas como a de Diana Krall, dentre tantos outros exemplos espalhados por vários países.

Em Uberaba, onde se respira música sertaneja, e dificilmente outros gêneros têm espaço e mesmo, aceitação, um grupo de jovens músicos e cantores, com idades entre 17 e 24 anos, provam o contrário e buscam um espaço para tocar o que eles gostam: Bossa Nova.

Foto: Carlos Júnior

Babby, Guilherme, Letícia e Jean integram a banda Desafinados do Tom

Não se limitam, porém, a apenas um gênero, tocam também outros artistas contemporâneos. No entanto, deixam bem claro a sua influência, o que eles, de fato, cultuam.

"Vem de família. Meu pai era músico da noite e tinha um imenso repertório. Aprendi muito com ele", afirma Babby Novais, uma das integrantes do grupo.

Letícia Rodrigues, cantora, também é enfática ao dizer da referência familiar. Para ela, crescer ouvindo um determinado tipo de música, sendo de boa qualidade, forma o gosto e com o tempo isso, inevitavelmente, terá de vir à tona. Além dessas referências, a formação musical no conservatório de Uberaba é decisiva em certas escolhas. "A influência dos professores foi muito importante para mim. Com eles pude perceber a sonoridade sofisticada e o modo de expressão poético desse gênero musical", acrescenta Jean Rodrigues que, além de cantar, também cuida dos teclados.

O grupo recebeu um nome bastante sugestivo, "Desafinados do Tom". De desafinados eles não têm absolutamente nada, pois ao final de nossa conversa, executaram, com todo o esmero, *Wave*, um dos grandes clássicos de João Gilberto. Além da que executaram, disseram também das músicas mais significativas para eles. Não poderiam faltar, portanto, *Caminhos cruzados, Desafinado, Eu preciso dizer que te amo*, dentre tantas outras.

O grupo se preocupa também em ampliar seu repertório, incluindo músicas da MPB mais recente. Não poderiam faltar aí Chico Buarque, Djavan, Milton, Elis. Isso mostra que não há qualquer tipo de preconceito por parte deles no que se refere ao que vão tocar, desde que não percam sua identidade, quer seja, a de um grupo preocupado com a qualidade do que vão apresentar ao público.

Entre um café e outro, algumas pontas de conversa deixam entrever que eles preparam material para um primeiro disco.

Babby Novais é uma das encarregadas pelas composições e alega que já existe um bom material a ser gravado. Depois, tocar bastante, mostrar seu trabalho. E isso é com eles mesmos. Querem fazer música, viver de música, o que, segundo eles, daria um grande prazer. Mas deixam claro que não tocam apenas por tocar, mas sim, o que gostam e, antes de mais nada, a música que eles acreditam poder dizer alguma coisa, dada a sua poesia e ritmo, inquestionavelmente, de grande qualidade.

issuu-downloader.com

A vida por trás do piano

A pianista que tocou a cidade faz da música uma companhia para viver

Agnes Maria
4° período de Jornalismo

Fotos: Fabiana Cunha

"A música é a minha vida", diz a uberabense Maria Aparecida da Silva sobre sua relação com as notas musicais.

Pianista há mais de 60 anos, hoje se encontra sem a companhia de seus melhores amigos: um bom piano e uma bela partitura.

Maria teve sua iniciação musical na adolescência, aos 14 anos. Sem a influência de ninguém, procurou o conservatório de música e, por lá, pôde aprender a arte que determinaria os rumos de sua vida.

Foi aluna do conservatório quando a instiuição ainda era uma pequena escola de formação musical sem apoio govenamental. Com o tempo, tornou-se professora e viu nascer o Conservatório Estadual Renato Frateschi. "Foi a melhor época da minha vida", relembra com emoção.

A orientadora educacional Rosana Prata e a professora de piano Adriana Carvalho, ambas do conservatório, foram alunas dela e descrevem Maria Aparecida. "Ela passava a maior parte do tempo no conservatório quando ainda era na Rua da Constituição. Dizem que até banho ela tomava por lá".

Ao estudar as técnicas básicas para a música, Maria Aparecida percebeu seu talento para a chamada leitura à primeira vista. É uma técnica que consiste em olhar uma partitura e executar a composição, sem necessidade de estudar ou repetir. Essa é uma habilidade rara e cobiçada pela maioria dos músicos.

Apesar da habilidade, iniciou a faculdade no Rio de Janeiro, mas não concluiu a graduação, pois precisava cuidar da mãe que estava doente, o que a impedia de viajar.

A pianista Sheila Ôtaiano, hoje orientadora educacional da Escola Estadual Professora Corina de Oliveira, conviveu com Maria Aparecida nos tempos da faculdade. "Lembro do dia em que a professora se perdeu a caminho do

A pianista sente-se feliz ao tocar novamente

issuu-downloader.com

Na mocidade, Maria Aparecida divertia-se com as amigas do conservatório. Depois de formada, dedicou-se à música principalmente na igreja Catedral

Fotos: Arquivo pessoal e Graziano Souza

Olhar de repórter

Agnes Maria conta como foi encontrar e entrevistar a musicista Maria Aparecida da Silva

Pauta na mão, é hora de sair à procura da pianista Maria aparecida da Silva. Logo de início, uma verdadeira saga repleta de desencontros, informações incorretas. Algumas delas dando como certo que a personagem havia desaparecido.

No Conservatório Estadual de Música Renato Frateschi, pouco souberam informar sobre ela, exceto que havia participado efetivamente da história do local. Após semanas de busca, falando com amigos que conviveram com ela no conservatório e na catedral, a frase que mais se ouvia era: "Há muito tempo não sei dela. Se descobrir alguma coisa, me conte". O desânimo não tardou a chegar e a ideia de não fazer a matéria não era de todo descartada. Até que, como por milagre, informações deram conta de que ela está morando numa praça perto da igreja.

De volta à ação, estava com o número de telefone e o endereço completo. O primeiro contato é sempre cercado de desconfianças, mas, aos poucos, vai ocorrendo a aproximação.

Em princípio, os olhos pareciam estar enganados. Uma criatura frágil, apresentando limitações de movimento estava ali à frente, sorrindo. E veio a pergunta: será essa a grande pianista que encantou tanta gente com a sua arte? E ela falou de toda a sua trajetória, dos seus desejos, que se juntam a outros depoimentos colhidos sobre ela e, assim, montou-se a imensa teia de uma vida repleta não só de alegrias, mas também de momentos melancólicos. O presente não é dos mais felizes, porém as horas diante de um piano emprestado são capazes de sufocar essas amarguras. E assim prossegue a vida dela.

Precisamos de fotos, mas Maria Aparecida fez uma exigência: só as tirava ao piano. Nova saga, agora em busca de uma moldura para enquadrar aquela pessoa frágil, mas ainda com brilho nos olhos. Após dificuldades, inclusive de transportá-la, veio a solução através de uma escola de música bem próxima de sua casa. Seus dedos correrem soltos pelas teclas. Colhemos mais informações, ouvimos alguns desejos de nossa personagem: "Quem sabe eu ganho um piano num desses programas de auditório", diz ela com um sorriso cheio de esperanças.

Isso comove. Esse olhar que tudo testemunha pisca incessantemente, talvez disfarçando lágrimas diante de mãos tão valiosas que acariciaram ouvidos e agora auxiliam o condutor da cadeira de rodas.

Partimos prometendo voltar com o resultado do nosso trabalho. Um piano não sei se conseguiremos, mas a nossa presença, quem sabe até mais importante diante de sua solidão, garantimos. Fomos embora nos escondendo, sob as folhas das árvores, das gotas finas de chuva que caíam insistentes naquela tarde.

Rio de Janeiro. Entrou no ônibus errado e foi parar em Curitiba".

Bastante ativa, Maria Aparecida esteve presente na inauguração do órgão da Catedral Metropolitana de Uberaba e, por mais de 50 anos, comandou as teclas, que tiravam sons dos 500 tubos, nos casamentos e nas missas.

Por dedicar toda a sua vida à igreja, hoje é auxiliada pelo padre Paulo Porta e por alguns amigos que contribuem para amenizar as dificuldades financeiras. Atualmente, ela não possui piano. Vive na companhia de um gato e um cachorro, sem os quais, segundo ela, não teria como suportar a solidão.

A dificuldade de locomoção é outro problema do seu dia a dia. Ela conta com o apoio de uma cadeira de rodas. "A música traz muita alegria", desabafa frisando sua tristeza por não poder tocar todos os dias.

Maria Aparecida conta que quando não chove, um funcionário de um hotel vai até a casa dela e a transporta até o estabelecimento para que ela toque no horário do jantar.

A musicista conserva um sonho: ganhar um piano "antes de morrer", para passar o tempo ao lado da sua grande paixão: a música.

"Me dê flores em vida, o carinho, a mão amiga para aliviar meus ais. Depois que eu me chamar saudade, não preciso de vaidade, quero preces e nada mais", os versos de Nelson Cavaquinho parecem retratar os pensamentos de Maria Aparecida da Silva, que hoje estão sedentos apenas de doses diárias de boa música.

issuu-downloader.com

Projeto Sexta Cultural oferece oportunidade para músicos iniciantes

Ubirajara Galvão
4º período de Jornalismo

Foto: Arquivo Público

Para se apresentar, a equipe da Fundação Calmon Barreto faz uma pré-seleção

É no pátio da antiga estação ferroviária de Araxá, que os amantes da boa música são agraciados com apresentações de artistas consagrados, iniciantes, jovens e adultos. O palco é cuidadosamente montado proporcionando aos músicos e a platéia a sensação de estarem participando de um grande *show*.

O projeto Sexta Cultural foi criado em 2009 por iniciativa do presidente da Fundação Cultural Calmon Barreto (FCCB), Walter Ogawa. O intuito era popularizar a cultura oferecendo oportunidade para as pessoas mostrarem o trabalho com a música.

"Eu acho que o caminho é esse. Acaba que você tem vários estilos e gêneros diferentes para as pessoas conhecerem", comenta o professor de violão da escola de música Maestro Elias Porfírio de Azevedo, Adriano Rivas.

O músico Tarcísio Moura, ganhador do concurso Fastibar 2009, em Belo Horizonte, já se apresentou no projeto

Há 12 anos trabalhando nesta profissão, ele já se apresentou no projeto ao lado da violinista Ina Areieza, também da escola. "Uma coisa legal é que o projeto não é formal. As pessoas continuam fazendo suas atividades, conversam, andam pelo local enquanto apreciam o show", comenta.

"Queremos fazer com que o pessoal que se apresenta sinta o que é o palco", comenta o assessor de comunicação da fundação e responsável pela estrutura e organização da Sexta Cultural, Alex Silva.

A equipe do evento chama as pessoas para apresentarem, desde os cantores mais experientes até algumas bandas de garagem. Antes, porém, há uma pré-avaliação. "Não queremos levar uma apresentação que não agradará o público. Escutamos algumas de suas músicas ou assistimos uma pequena apresentação antes", afima Alex.

Um fator curioso é que o projeto não possui fins lucrativos, mas permite que instituições de caridade montem barracas no pátio, a fim de usarem o dinheiro para a manutenção das entidades.

"É uma iniciativa muito louvável que dá oportunidade para as pessoas daqui mostrarem seu trabalho", comenta o compositor e instrumentalista Tarcísio Moura, que participou da segunda edição do projeto em 2009. Além de músico, ele é empresário e fabrica cordas para instrumentos musicais. Ele também representou a cidade de Araxá no concurso Fastibar, que acontece todo ano em Belo Horizonte, classificando-se entre os dez primeiros lugares. "A gente pode ver que existe muita gente com talento, muita mesmo", diz Tarcísio.

> "A iniciativa é ótima! Com ela, a cultura é expandida e podemos mostrar nosso trabalho

Na noite em que a equipe do Revelação visitava o projeto, também esteve presente a banda Legendados. "A iniciativa é ótima! Com ela a cultura é expandida e podemos mostrar nosso trabalho a várias pessoas", comenta o vocalista da banda, Guilherme Simões da Costa.

As apresentações acontecem sempre na última sexta feira do mês, na Calmon Barreto, entre 19h e 23h. A entrada é franca.

issuu-downloader.com

Animê e mangá em Uberaba

Evento recebeu mais de mil visitantes e apresentou um pouco da cultura japonesa

Leonardo Ricardo
4° período de Jornalismo

De volta ao passado, vivendo o presente e pensando no futuro.

Esse foi o clima da Convenção de Animê e Mangá de Uberaba – CAMU. Pela segunda vez o evento foi realizado na cidade do zebu. Durante nove horas, os visitantes e fãs de animês e mangás se deliciaram com as atrações apresentadas na escola Professora Corina de Oliveira, local escolhido para a realização do evento.

A maioria dos visitantes vestia nos moldes dos seus personagens favoritos: Ryu e Ken, do Street Fighter.

No ano passado, a primeira edição do evento foi batizada de MEKAI e, recebeu, em torno de 600 pessoas. Em 2010, a CAMU contou com a participação de aproximadamente mil visitantes para curtir karaokê com músicas japonesas, vídeo games, oficinas de origamis e desenhos japoneses. Muita gente que veio das diversas cidades da região e dos estados de Goiás e São Paulo.Os amantes da arte japonesa não medem esforços. O estudante Jailson Júnior, de 23 anos, saiu de Franca, para vir à Uberaba e participar do concurso de Cosplay, com sua fantasia de Kingdom Hearts. "Não vou à todos os eventos, mas sempre que posso marco presença".

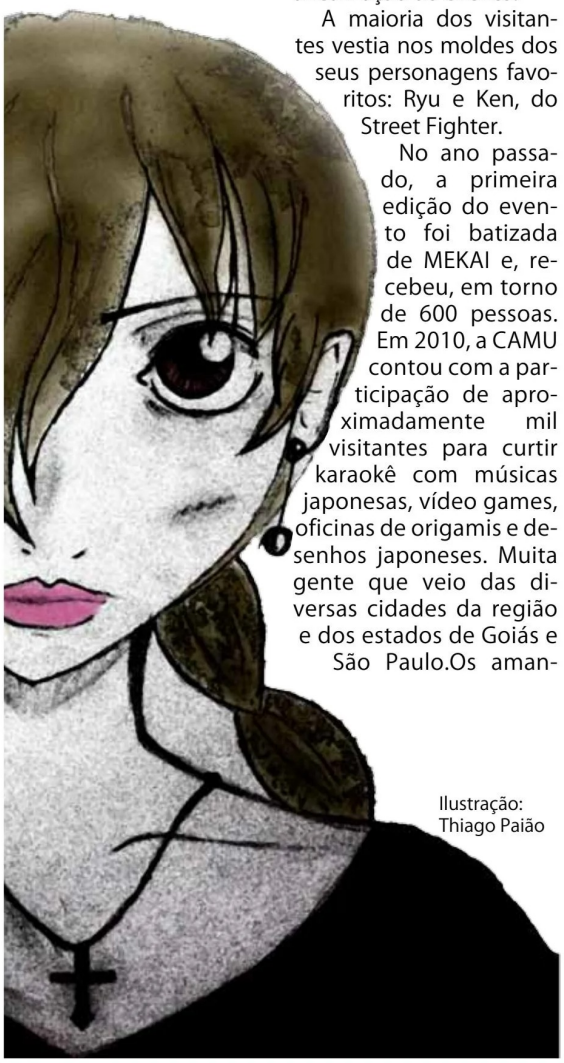


Ilustração: Thiago Paião

Foto: Leonardo Ricardo

Jaílson Júnior, fantasiado de Kingdom Hearts, veio do interior de São Paulo

A paixão vai além de suas fantasias e games. "Eu e um amigo, temos um programa no Youtube, chamado Cosplay Notícias. Todos os dias, postamos vídeos com informações de games e Cosplays de uma forma humorística", diz Jaílson.

Segundo a organizadora do evento, Diana Almeida, o objetivo da convenção é reunir pessoas que gostam de animês e mangás. "A cada dia que passa, o gosto por esta arte aumenta", comenta a organizadora.

Ela diz ser adepta à arte japonesa. "Gosto desde quando assistia Cavaleiros do Zodíaco, mas não me visto como os personagens no meu dia a dia. Apenas em algumas reuniões", conta Diana.

A CAMU também contou com a presença dos irmãos Rodrigo Piologo e Ricardo Piologo, criadores do *site* Mundo Canibal. Foram eles que elaboraram os vídeos animados *As Havaianas de Pau* e *Pau e o Partoba*.

"O gosto pelos vídeos de animação vem desde quando éramos jovens. Colocamos isso em prática, quando criamos o Mundo Canibal", conta Rodrigo, que é o responsável pela arte dos desenhos.

Seu irmão Ricardo afirma que eles fazem algo que ninguém fez. "Nós fazemos o que é diferente, o que ainda não existe. Nosso humor é escrachado".

issuu-downloader.com

Oficina de Rap revela talentos

Gabriela Gonçalves
4º período de Jornalismo

"... Meu lugar predileto é repleto de criança, fica lá em Uberaba e se chama Vila Esperança." Este verso é cantado pelo criador do projeto Oficina de Rap, Lindomar Ramos Ferreira. Entre fãs e amigos, ele é conhecido como Lindomar 3L.

Em 2004, após ser convidado para ajudar em uma oficina no Jardim Triângulo, o rapper decidiu implantar em seu bairro a oficina Cultura, Arte, Educação em Movimento.

Hoje, as oficinas integram o projeto governamental Fica Vivo. Uma verba é destinada para alimentação e compra de materiais. Os alunos participam de palestras e diálogos sobre criminalidade. A leitura é estimulada com poesias e rimas. As letras criadas por 3L geralmente falam de solução de problemas, amor e fé.

O espaço onde acontecem os encontros foi cedido pelo centro espírita da comunidade. Crianças, adolescentes e até adultos frequentam a oficina. "Uma criança, em especial, com problemas mentais, após as atividades, apresentou sinais de melhoria, inclusive, no seu convívio social", diz Lindomar.

Na infância, Lindomar engraxava sapatos para ajudar seus pais. Após conhecer o rap, passou a se dedicar à arte e, atualmente, está de mudança para São Paulo, onde irá viver somente da música. A oficina ficará nas mãos de um substituto para o projeto não morrer, afinal, vários são os ex-alunos que conquistaram melhores condições de vida com esse apoio.

Jéssica Valeriano é um desses exemplos. "Comecei participar do projeto após conhecer Lindomar. Em seguida, escrevi minhas próprias músicas."

Com incentivo da Fundação Cultural de Uberaba, ela participou de um grande evento em São Paulo, o Coletivo Hip Hop Mulher, que reúne participantes de todo o Brasil. Em seguida, ela viajou para a cidade mineira de Diamantina. Estava assistindo a um festival, quando ocorreu um imprevisto com um dos MCs que iria se apresentar. Os organizadores conheciam o trabalho de Jéssica e a convidaram para subir ao palco e substituí-lo.

Outro ex-aluno de Lindomar é Tói. Ele já possui um CD que já vendeu mais de mil cópias em um ano e soma mais de dez mil downloads na internet.

Seguindo o exemplo de seu companheiro de curso, ele tomou frente de uma oficina de Rap no seu bairro, o Residencial 2000. Segundo Tói, é a sua contribuição para minimizar os proablemas relacionados à criminalidade da região. "O rap é uma forma de refúgio dos problemas ao invés das drogas", diz.

Foto: Leonardo Ricardo

Receita de líder

Sarah Menezes
8º período de Jornalismo

Liderança! Eis aí uma palavra que escuto com cada vez mais freqüência. Ainda mais depois que entrei para a faculdade e para o mercado de trabalho.

Todo mundo deseja ser um líder, tanto em casa, como no trabalho e até nos relacionamentos pessoais. Esperamos sempre ter o controle da situação para que, assim, possamos tomar as melhores decisões.

O que dificulta o alcance desse objetivo é o fato de poucos saberem a real definição e intenção de um líder. Isso eu aprendi. Não posso deixar de ressaltar que devo esse aprendizado à James Hunter, autor do livro O Monge e o Executivo. Ele explana de maneira clara, íntima e envolvente a essência da liderança: "liderar é servir, isto é, identificar e satisfazer as necessidades legítimas – e não os desejos e as vontades – das pessoas". É uma verdadeira lição.

A ignorância sobre o assunto colabora para que as pessoas não consigam liderar corretamente nem a própria vida. Já ouvi dizer que não existe dom, há sim a capacidade de desenvolver habilidades. A partir disso, ninguém deve se acomodar, pois desistir de si mesmo é não lutar pelo próprio bem-estar.

Há na humanidade a semente da bondade. É a essência do homem. Teoricamente, o que precisamos para liderar é a combinação de inteligência, respeito e amor. Não deixando faltar nenhum desses ingredientes, conseguimos influenciar as pessoas que quisermos. Para falar a verdade, penso que essa seja a receita para ser feliz.

issuu-downloader.com

Projetos de leitura formam novos cidadãos em Uberaba

Incentivar a leitura no ambiente escolar e em casa é o ponto de partida

Fotos: Divulgação

Nas escolas públicas, o hábito é cultivado no cotidiano

Pabliene Silva
4º período de Jornalismo

Você deve conhecer alguém que queria comprar um livro, mas ao chegar em casa colocou o exemplar em uma escrivaninha e nunca mais o pegou. A população brasileira, em geral, não tem o hábito de ler. Muitas pessoas, quando leem, leem por obrigação.

Bruna Silva, de 16 anos, confessa que não gosta de ler, apesar de saber da importância da leitura. "A leitura nos ajuda na comunicação com os colegas em sala de aula e em casa, além, é claro, de ser fundamental para a escrita".

A Secretaria de Educação de Uberaba (SEDUC) trabalha com o Programa Nacional de Incentivo à Leitura Para a Rede Municipal de Ensino (PROLER) em que o objetivo é formar leitores para formar cidadãos. Seu foco está nas escolas e nas bibliotecas.

Para a representante do PROLER, Tânia Ulhôa, o programa contribui, especialmente, com a difusão da cultura letrada. "O letramento literário e a formação de promotores de leitura, ou seja, educadores pode ser capaz de cumprir com as metas nacionais, isto é, transformar o Brasil num país de leitores".

O programa desenvolve seis projetos culturais voltados para o incentivo da leitura nas escolas. As próprias instituições de ensino escolhem quais projetos irão aderir, de acordo com a sua realidade.

Também há projetos integrados com a Fundação Educar DPaschoal, que doa livros de literatura para os alunos da rede pública.

Segundo a diretora de Eventos Educativos e Culturais da SEDUC, Edilene Leal, é preciso unir os órgãos públicos e privados. "É necessário unificar o segmento para realmente fazer do uberabense, em qualquer camada social, um leitor, um leitor de mundo".

Ela explica que toda e qualquer iniciativa que forme novos leitores cria oportunidades para o desenvolvimento da autonomia pela leitura e promove a continuidade da formação do gosto e do prazer de ler e que isso é uma responsabilidade social.

A Biblioteca Municipal de Uberaba atua diretamente na conscientização da leitura por meios dos serviços prestados à comunidade, desde empréstimos de livros ao espaço cultural dinâmico e de leitura viva disponível para a sociedade.

Existe ainda a Sociedade de Amigos da Biblioteca (SABE), uma Organização Não Governamental que apoia a biblioteca em ações sociais. Atualmente, a ONG está atuando no Jardim Triângulo.

O *Livro em Cena* é outro braço da biblioteca na comunidade. A contadora de histórias Adriana Fonseca diz que descobrir a biblioteca como um local de prestação de serviço é um passo importante. "A biblioteca é pública e todos os nossos serviços são gratuitos".

A Escola Municipal Professora Geni Chaves desenvolve ações para o desenvolvimento do hábito de ler e a valorização do livro e da leitura dentro e fora dos muros da escola.

O projeto Ciranda de Livros é desenvolvido em todas as séries dentro da instituição com atividades especiais para cada fase de desenvolvimento. Seu principal objetivo é o desenvolvimento da leitura e a motivação para ler, pensar e movimentar. Há também A Hora da Biblioteca, Caixa de Leitura e o Mutirão de Leitura. Os professores desempenham estas ações através de subprojetos, como o Momento da Leitura, que é realizado pela professora de Língua Portuguesa, Gilcelene Matayoshi. Todos os dias, ela destina horários exclusivos para a leitura.

Rafaela, de 15 anos, aluna do 8º ano, diz que a leitura aprimorou sua forma de pensar. "Eu aprendi a ser mais crítica, escrever corretamente. Minha irmã detestava ler e agora pega até meus livros."

issuu-downloader.com

Aprendizado sustentável começa cedo nas escolas

A curiosidade dos alunos instiga a elaboração dos projetos

Patrícia Vannucci
4º período de Jornalismo

A escola Pequeno Estudante, localizada dentro das instalações do Serviço Social do Comércio de Uberaba (Sesc), conta atualmente com dois projetos voltados para a sustentabilidade, meio ambiente, conservação ambiental e consumo consciente.

O projeto *Como se Faz* é desenvolvido desde março com os alunos do 4º ano matutino. Foi criado para sanar dúvidas e curiosidades em relação aos temas do cotidiano. Além de aprender a história, os estudantes conhecem os danos causados por determinadas ações do homem e têm noções de como fazer diferente, a partir do reaproveitamento de coisas que normalmente são jogadas fora.

O *Projeto dos Três R's: Reduzir, Reutilizar e Reciclar* aborda questões como a reutilização do plástico, da madeira, do alumínio.

O aluno Luiz Gustavo, de nove anos, conta que ensina aos pais o que aprende na escola. "Adoro experimentar porque, ao mesmo tempo em que aprendo coisas novas, descubro o porquê das coisas e como elas funcionam."

> "descubro o porquê das coisas e como elas funcionam

A coordenadora pedagógica e professora Simonia Tomaz conta que os projetos são desenvolvidos de maneira descontraída. Segundo ela, são as próprias crianças que respondem às perguntas. O professor só encaminha, desenvolve os conceitos e sempre coloca mais indagações na cabeça dos alunos, que partem para as pesquisas.

"O diferencial da escola é essa liberdade oferecida." Os assuntos são desenvolvidos de forma interdisciplinar. Os professores utilizam exemplos e até elaboram problemas matemáticos diferenciados envolvendo, no contexto, situações do meio ambiente, da sustentabilidade e da responsabilidade social.

Para complementar os assuntos tratados na escola, os alunos já visitaram uma fábrica de botinas, a Estação de tratamento de esgoto (ETE), entre outros.

A professora de Inglês Alda Cristina é mãe do aluno Caio César e diz que o filho fica super empolgado com as novas descobertas. Ele leva para dentro de casa as novidades e faz com que ela participe das atividades. "Nós já fizemos o iogurte natural, pão de queijo, pizza e amaciante de roupas. Só está faltando mesmo fazer o sabão com o óleo reaproveitável."

Foto: Divulgação

O Projeto Três R's trabalha a reutilização da madeira e do plástico

issuu-downloader.com

UTI Neonatal salva vidas há 15 anos

Serviço comemora aniversário com projeto de humanização

Júlia Magalhães
4° período de Jornalismo

Foi com o olhar cansado, mas cheio de esperança, que Meire Ellen Ferreira relatou o nascimento de sua filha prematura na neonatal pediátrica do Hospital de Clínicas de Uberaba.

A pequena Thyciellen Ferreira nasceu com 34 semanas, aproximadamente sete meses e pesava 1.400 kg. "O fato de nós, as mães, ficarmos o dia todo junto aos nossos filhos dá mais segurança", comenta Meire Ellen.

Completando uma década e meia salvando vida de recém-nascidos e crianças de Uberaba e região, a UTI Neonatal Pediátrica conta com uma equipe multiprofissional de 160 pessoas trabalhando 24 horas por dia. São 20 leitos, sendo dois de isolamento e equipamentos como incubadoras, berços de UTI, bombas de infusão, respiradores, fototerapias, entre outros.

Segundo a médica pediatra Valquíria Cardoso Alves, a UTI Neonatal nestes 15 anos ofereceu mais de dois mil atendimentos, com média de duas a três internações diárias. Os pacientes permanecem na unidade o tempo necessário à sua recuperação.

Progressivamente, o espaço físico e equipamentos disponibilizados com a verba do Ministério da Saúde, por meio do Hospital de Clínicas e do município de Uberaba, ajudou no crescimento da UTI. "Graças a estas conquistas, vencemos muitas batalhas. Salvamos crianças retiradas do lixão, filhos de mães que usaram *crack* durante a gestação, crianças prematuras extremas nascidas com 700 gramas que sobreviveram sem sequelas", relata a pediatra.

O próximo passo da Neonatal é o projeto de humanização entre internos, família e os profissionais.Através do grupo de humanização, são realizadas reuniões, onde são discutidas novas propostas e metas.

Atualmente, o interno pode ser acompanhado pela mãe durante 12 horas diárias, assistindo a todo o tratamento. São oferecidas à mãe e à família dos pacientes atendimento psicológico e acompanhamento social.

"A Neonatal foi ótima. O auxílio psicológico ajuda a gente a ficar mais calma e a lidar melhor com essa situação. Estava tudo bem na minha gravidez, mas Bruna nasceu prematura, causando desespero em todos", comenta Danielle Freitas, de 23 anos, mãe da pequena Bruna, que nasceu com aproximadamente 31 semanas de gestação e 1350 kg.

Dos 20 leitos, dois são para isolamento

Fotos: Júlia Magalhães

Grupo de enfermeiras na UTI Neonatal

> "O auxílio psicológico ajuda a gente a ficar mais calma e a lidar melhor com essa situação

UNIUBE

issuu-downloader.com

Brinquedos restaurados alegram crianças

Foto: Wallace Coelho

Marlene coordena o Hospital de Brinquedos e conta com voluntários

Wallace Coelho
4º período de Jornalismo

Quem passa pela rua, e avista a modesta casa dos moradores Marlene e Marcos Antonio Goulart, na área central de Araxá, nem imagina deparar-se com uma infinidade de brinquedos espalhados.

O que a maioria não sabe é que o lar do casal funciona como um hospital de brinquedos. Criado há mais de dez anos pela ex-costureira Marlene Goulart. O projeto visa restaurar brinquedos em estado de degradação. Logo após concertarem o que antes era tido como lixo, os brinquedos são restaurados e doados às instituições carentes, no período que antecede as comemorações de fim de ano, levando alegria a crianças que não esperavam.

Depois de enfrentar uma cirurgia em uma das mãos, Marlene teve de abandonar o seu ofício de costureira, mas sensibilizada com a carência de algumas crianças, começou a pedir doações de brinquedos para a vizinhança. "A gente se coloca na condição de mãe e vê aquela necessidade. Choca qualquer uma de nós", diz Marlene.

No primeiro ano foram entregues cerca de 400 brinquedos, já no ano de 2009, o número aumentou consideravelmente, atingindo a marca de quatro mil brinquedos. Todos eles, distribuídos para as 50 instituições filantrópicas cadastradas em Araxá e mais 16 espalhadas pelo país.

> "Acho que o tabu religioso foi o homem quem criou, Marlene e seus colaboradores conseguiram quebrar esse paradigma

O sucesso da ação pode ser sentido também pela satisfação de quem já recebeu mais que um simples brinquedo, um gesto de carinho. "Acho que a ideia é muito interessante, pois assim, recuperando os brinquedos, podemos fazer várias crianças como eu, mais felizes", afirma a estudante Marina Vitória Milagres Silveira de 11 anos.

A ideia beneficia instituições de diversas religiões. "Acho que o tabu religioso foi o homem quem criou. Marlene e seus colaboradores conseguiram quebrar esse paradigma ao olhar e ajudar a todos da mesma maneira", diz Joana Darc Lemos, do Centro Espírita Allan Kardec.

Edna Terezinha de Castro é freira e educadora da Casa de Nazaré em Araxá. Ela comenta que o importante desse trabalho é que, acima de uma ideologia religiosa, o grupo coloca o amor e a bondade em primeiro lugar.

O Hospital de Brinquedos não possui quadro fixo de funcionários, contando apenas com voluntários. É o caso de Etelvina Aparecida de Castro, que ajuda há cinco anos. Atormentada pela morte de uma filha pequena viu no voluntariado uma oportunidade para superar a perda. "É um trabalho prazeroso", define Etelvina.

issuu-downloader.com